

ATA DA 024ª SESSÃO ESPECIAL DA
3ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 17ª LEGISLATURA
REALIZADA EM 08 DE JULHO DE 2013, ÀS 19H
PRESIDÊNCIA DO SENHOR DEPUTADO JOARES
PONTICELLI
LANÇAMENTO DO LIVRO *AMIN: 30 ANOS DEPOIS*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Joares Ponticelli)
- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial.

Convido os srs. deputados Valmir Comin, José Milton Scheffer, Silvio Dreveck e Reno Caramori para recepcionarem as autoridades que serão nominadas para compor mesa:

Excelentíssimo senhor secretário de estado da Defesa Civil, Milton Hobus, neste ato representado o governador do estado;

(Palmas)

Excelentíssimo senhor deputado federal e ex-governador do estado de Santa Catarina entre os anos de 1983 e 1987 e 1999 e 2003, Esperidião Amin Helou Filho;

(Palmas)

Excelentíssimo senhor vice-prefeito João Amin, neste ato representado o prefeito da capital, Cesar Souza Junior;

Excelentíssima senhora deputada federal Carmen Zanotto;

(Palmas)

Excelentíssimo senhor prefeito do município de Blumenau, Napoleão Bernardes;

(Palmas)

Senhor presidente da Associação Catarinense de Imprensa, jornalista Ademir Arnon;

(Palmas)

Jornalista Moacir Pereira, autor do livro *Amin: 30 anos depois*.

(Palmas)

Agradeço aos deputados que recepcionaram as autoridades, convidando-os a tomarem os seus lugares.

Autoridades, senhoras e senhores, a presente sessão em homenagem às pessoas e aos segmentos da sociedade que contribuíram para amenizar as

dificuldades e o sofrimento dos catarinenses atingidos pela enchente de 1983 em Blumenau e para o lançamento do livro *Amin: 30 anos depois*, de autoria do jornalista Moacir Pereira, foi convocada por solicitação deste presidente e aprovada por unanimidade pelos demais parlamentares.

Neste momento, teremos a execução do Hino Nacional.

(Procede-se à execução do hino.)

Esta Presidência registra e agradece a presença das seguintes autoridades:

Senhor Mário Neves, diretor da RBS TV em Santa Catarina;

Senhor Paulo Benjamin Fragoso Gallotti, diretor Institucional e Jurídico do Grupo RBS de Santa Catarina;

Sr. procurador federal da Advocacia-Geral da União, Georgino Mello e Silva;

Coronel Nazareno Marcineiro, comandante-geral da Polícia Militar de Santa Catarina;

Coronel-aviador Claus Kilian Hardt, comandante da Base Aérea de Florianópolis;

Coronel Marcos de Oliveira, comandante-geral do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina;

Coronel Pedro Osvaldo Andrade Carolo, chefe do Estado Maior da 14ª Brigada de Infantaria Motorizada, neste ato representando o general-de-brigada Fernando José Lavaquial Sandenberg;

Tenente-coronel José Norberto de Souza Filho do Batalhão de Polícia Militar Rodoviária de Santa Catarina;

Tenente-coronel-aviador Hélcio José Soares, comandante do 2º Esquadrão do 7º Grupo de Aviação da Força Aérea Brasileira;

Senhor Dalto dos Reis, prefeito do município de Blumenau no ano de 1983;

Padre Pedro José Koehler, capelão do Imperial Hospital de Caridade, neste ato representando o arcebispo de Florianópolis, dom Wilson Tadeu Ionck;

Senhora Angela Amin, prefeita municipal de Florianópolis no período de 1997 a 2005;

Senhor desembargador Nelson Scheffer, do Tribunal de Justiça de Santa Catarina;

Senhor desembargador Fernando Carioni, do Tribunal de Justiça de Santa Catarina;

Senhor desembargador João Henrique Blasi, do Tribunal de Justiça de Santa Catarina;

Senhor desembargador Stanley da Silva Braga, do Tribunal de Justiça, neste ato representando o presidente da Associação de Magistrados Catarinenses, desembargador Sérgio Junckes;

Senhor desembargador Roney Danielle, do Tribunal de Justiça de Santa Catarina;

Senhor Alessandro Abreu, secretário municipal de Assistência Social de Florianópolis;

Senhor Maurício Fernandes Pereira, presidente do Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina;

Senhor Jorge Leonardo Nesi, prefeito do município de Gravatal;

Senhor Paludo, neste ato representando o deputado federal entre os anos de 2002 e 2010, Cláudio Vignatti;

Senhor Evandro Fortunato Linhares, vice-presidente e diretor Administrativo e Financeiro do Conselho Regional de Administração de Santa Catarina - CRA-SC;

Senhor Glenn Prussek Martinho, presidente da Liga Amadora Brasileira de Radioemissão - Labre/SC;

Senhor Carlos Alberto da Silva Faria, presidente em chef do Clube do Galfo de Florianópolis;

Senhor Gilberto Ziebarth, diretor da Sociedade Amigos do 23º Batalhão de Infantaria de Blumenau;

Senhor José Carlos Pacheco, provedor do Imperial Hospital de Caridade e presidente do Tribunal de Contas do Estado no período de 2008 a 2010;

Senhor Volnei Ivo Carlin, presidente da Fundação de Meio Ambiente de Florianópolis - Floram;

Senhor José Paulo Speck Pereira, presidente da Associação Catarinense dos Bibliotecários;

Senhor Murillo Capella, vice-presidente da Associação Médica Brasileira, diretor do Hospital Infantil Joana de Gusmão e ex-prefeito do município de Florianópolis;

Senhora Maria Elizabeth Tiscoski, presidente nacional da Ação Mulher Progressista;

Senhor Eurico Meira da Costa, diretor de Jornalismo da RBS de Santa Catarina;

Conselheiro Jefferson Luis Kravchychyn, do Conselho Nacional de Justiça.

A seguir teremos a apresentação de vídeo que relata os acontecimentos da enchente de 1983 no município de Blumenau e região.

(Procede-se à exibição do vídeo.)

Esta Presidência registra com muita alegria a presença do digno representante de Blumenau e região, deputado Ismael dos Santos.

Registra igualmente a presença das seguintes personalidades:

Senhor Roberto Alves, jornalista da RBS TV;

Senhor Edson Caporal, secretário de Planejamento, Orçamento e Gestão do município de Florianópolis;

Senhor Paulo Brito, jornalista esportivo;

Senhor Ildemar Cassias Pereira, diretor de Desenvolvimento Institucional do Conselho Regional de Administração de Santa Catarina;

Senhora Camille Reis, jornalista do Estúdio Santa Catarina, da RBS TV.

Neste momento, convido o sr. deputado Edison Andrino para fazer uso da palavra em nome dos parlamentares com assento neste Poder, visto que ele, como deputado recém chegado a esta Casa naquela oportunidade, teve participação ativa no auxílio às vítimas da enchente.

O SR. DEPUTADO EDISON ANDRINO - "Era uma vez uma bela cidade, num bonito vale, cortada por um belo rio muito caudaloso e também muito perigoso. Certa vez o rio encheu tanto que quase acabou com a bela cidade, mas os belos moradores descendentes de bárbaros, que vieram morar neste país tropical, construíram tudo de novo, assim que o rio voltou ao lugar dele."

Esse é um texto da jornalista catarinense Sônia Bridi, na oportunidade em que fez um documentário sobre as enchentes de Blumenau.

Cumprimento o deputado Joares Ponticelli, presidente desta Casa; o deputado federal e ex-governador da época, Esperidião Amin; o atual prefeito de Blumenau, Napoleão Bernardes; o prefeito da época, Dalto dos Reis; o jornalista Moacir Pereira; a deputada federal Carmen Zanotto, todos os deputados estaduais presentes, e cumprimentando-os estendo os cumprimentos às demais autoridades e a todos os presentes.

Cheguei aqui em 1983, jornalista Moacir Pereira, com 36 anos de idade, e por ocasião da enchente fazia cinco meses que eu era deputado estadual, pois anteriormente havia sido vereador de Florianópolis.

Quando as enchentes chegaram ao seu ponto máximo, se não me engano, em 9 de julho, tendo o rio Itajaí subido quase 16m acima do nível normal, eu me perguntei o que poderia fazer. Porque eu ainda não sabia ser deputado, estava aprendendo, e aqui não adiantava falar muito, tínhamos é que agir.

Como sempre fui ligado às atividades náuticas, já havia participado de vários campeonatos de caça submarina, eu lidava com muito mais facilidade com as lanchas do que com a função de deputado.

O Iate Clube Veleiros da Ilha, que naquela oportunidade era dirigido pelo nosso saudoso comodoro Paulo Gil, mobilizou-se, inclusive com a participação efetiva de Moacir Brandalise, que também participava do clube e que era esposo da nossa funcionária Beta, que coordena as sessões solenes e especiais desta Casa.

Pois bem. Conseguimos mobilizar um grupo de marinheiros, de lancheiros, algumas lanchas, barcos infláveis, lanchas de alumínio e de fibra e imediatamente nos dirigimos para Blumenau. Fomos até onde deu. A minha lancha eu joguei entre Balneário Camboriú e Itajaí. Saí com destino a Brusque, passando por Gaspar, e ali ficamos por três dias: eu, Nelsinho Gil, irmão do comodoro, e Beaco Vieira, que foi candidato a deputado por

várias vezes, grande defensor da descriminalização da maconha e irmão do ex-senador Lazinho Vieira, uma figura ímpar e meio folclórica nesta capital e que teve um papel fundamental naquele processo.

Subimos o rio Itajaí já levando comida, água, velas, distribuindo essas mercadorias pelo rio afora e enfrentando problemas sérios de segurança porque os fios de alta tensão tinham-se rompido e a maior dificuldade eram as cercas de arame farpado em que centenas de vacas, cavalos e bois ficavam entalados. Porque não subíamos pelo leito do rio, subíamos pelos pastos e não se sabia onde começava o rio e onde terminavam os pastos. Então, tínhamos que cortar esses arames com alicate.

E assim chegamos a Gaspar. Claro que a equipe do Veleiros da Ilha se dispersou em todo esse caminho. Em Gaspar estabelecemo-nos numa oficina da prefeitura e fui designado para ir buscar frango congelado da Ceval, em Ilhota.

Há pouco vi a Mônica Teixeira, jornalista da Globo que desceu de helicóptero na frente da Ceval. O Beaco, que gostava muito de uma entrevista, correu até ela, dependurou-se no helicóptero e não parou mais de falar. Quando a aeronave levantou voo, o Beaco foi içado a quase dez metros de altura.

A ida para Ilhota não era difícil, apesar das complicações. O difícil era voltar para Gaspar, onde tínhamos que enfrentar a correnteza dos rios que desciam pelos pastos e do rio Itajaí-Açu. Claro que em Gaspar era uma tristeza danada, a noite era um terror com gritos, choros, o barulho da chuva no carro dava a impressão de que era o fim do mundo. Além disso, nossa missão era também tirar as pessoas das casas, mas como ninguém queria abandonar o seu lar, era um trabalho danado convencê-las.

Lembro-me de um açougue. Sabíamos que havia pessoas dentro dele, porque escutávamos gritos, berros. Era um açougue de porta de esteira e a água estava lá em cima. Para se chegar ao açougue tivemos que mergulhar, levantar a cabeça para orientá-las a sair de lá. Repito: era duro

convencer as pessoas a saírem de dentro de seus lares, de seus estabelecimentos comerciais.

Ficamos em Gaspar um bom tempo. Depois resolvemos subir o rio até Blumenau. A minha lancha foi a primeira a entrar em Blumenau e lá me dirigi primeiramente ao Exército, que estava comandando o processo e necessitávamos de orientação para colaborar de forma articulada. Depois fui visitar o meu amigo Dalto dos Reis, prefeito à época.

Continuamos atendendo as pessoas, entregando sanduíche na rua Sete de Setembro e, por incrível que pareça, naquela oportunidade encontrei, lá no Exército, Estácio Ramos, o ex-presidente desta Casa, deputado Juarez Furtado, juntamente com o Nelsinho, que trabalhava comigo. Estácio Ramos estava atrás do diretor da RBS de Blumenau, mas não sabia como chegar ao seu destino. O Juarez, que estava morando em Blumenau, queria voltar de lá para encontrar sua mulher. Mas a nossa função não era levar gente para lá e para cá. Era distribuir pão, alimentos não perecíveis, água, velas, ou seja, aquilo que as pessoas precisavam naquele momento.

Acabamos depois descobrindo que o encontro do Estácio com o seu diretor em Blumenau foi emocionante: todos choraram, abraçaram-se, pois estavam sem contato há uma semana. E o Juarez Furtado também acabou encontrando sua esposa.

Claro que foi um momento difícil, tivemos que quebrar o parabrisa da lancha por causa dos fios de alta tensão, a lancha encalhava a todo momento e a hélice quebrava com frequência.

Mas quero, nesta oportunidade, dar um testemunho especial sobre o papel fundamental que exerceram os radioamadores. Ressalte-se que o radioamador foi o nosso Facebook da época, com a diferença de que não convocava para manifestações contra a corrupção, por melhor educação, por melhor saúde, por melhor mobilidade urbana. Não foi isso que fizeram os radioamadores. Eles tiveram um papel fundamental e provavelmente a enchente de Blumenau teria outras consequências se não fosse a ação prestimosa dos radioamadores.

Eu não quero aqui citar nomes, eu sei que há uma senhora aqui que vai ser homenageada, que eu li outro dia no jornal, sei que a senhora teve um papel fundamental, mas foram muitos radioamadores. E isso que na época radioamador era um *hobby* que se transformou num papel fundamental para socorro nas enchentes do vale do Itajaí.

Eles não tiveram somente o papel de promover contato, de informar as famílias, de colaborar com o Exército, com a Aeronáutica, com os Bombeiros, com a Polícia Militar, eles tiveram o papel, acima de tudo, de sensibilizar os demais estados, o Brasil inteiro e até outros países, principalmente a Alemanha, que mandou muitos medicamentos e colchões.

E aqui está a ex-prefeita Angela Amin, que está concordando com o que estou falando e que teve um papel muito importante naquele processo, como primeira-dama, junto com o Esperidião, que era então um jovem cheio de energia.

Outro papel importante que os radioamadores tiveram foi durante a reconstrução de Blumenau, tanto no resgate da autoestima quanto na divulgação da primeira Oktoberfest, que foi uma maneira de agradecer ao Brasil e também de comemorar a recuperação da cidade.

Um das coisas que nos preocupavam muito eram os boatos, porque estávamos isolados do mundo. Eu me lembro de que havia um telefone que funcionava e que ficava numa determinada rua da cidade, onde se formava uma fila enorme. O rádio de pilha era também muito importante, porque não havia distribuição de energia elétrica.

É bom que lembremos aqui o papel fundamental da Aeronáutica, da FAB. De lá para cá esse apoio passou a ser uma coisa normal e corriqueira. Na tragédia do morro do Baú, por exemplo, o papel da FAB foi extraordinário. Também as Polícias Civil e Militar, assim como os Bombeiros e os voluntários de um modo geral tiveram um papel essencial durante aquela tragédia. Eu mesmo nunca vi na minha vida tanta solidariedade quanto naquele episódio de Blumenau.

Uma coisa que notei é que depois que voltei para esta Casa aprendi a ser deputado quando pela primeira vez ocupei esta tribuna para reclamar da ausência da Marinha durante as enchentes, porque a Marinha lidava tão bem com a água como eu lido, ou muito melhor, mas naquele momento não se fez presente. É bem verdade que depois, nas outras enchentes, fez-se presente em todas, com uma participação efetiva.

Lembro-me bem que durante as enchentes os bancos queriam cobrar juros de mora dos títulos atrasados. Houve uma revolução dos empresários. Foi uma revolta na época, pois não se admitia tal coisa. A mobilização dos empresários e industriais foi tão grande que os bancos acabaram desistindo dos juros.

Naquela época não havia previsão do tempo como hoje, quando você acessa a internet e tem a previsão do tempo para o dia seguinte e dificilmente está errada. Naquele tempo o nosso guru era o Seixas Netto, que deu uma entrevista dizendo que o que acontecera fora a aproximação da Lua com a Terra coincidindo com a lua cheia.

Vocês hoje riem, mas ele acertava muito, era um estudioso. É claro que não era perfeito, às vezes errava. E disse que iriam ocorrer mais três enchentes naquele ano. Ele errou apenas o ano. No ano seguinte, em 1984, houve outra enchente. Quase acertou, mas para a falta de equipamento da época, até que não errou muito.

Nós dormíamos nas dependências do Exército. Era o nosso ponto de referência. Quando levávamos água e comida para as pessoas que estavam isoladas, momentos tristes, de desespero, de angústia, elas nos perguntavam o que podiam nos dar como agradecimento pela ajuda que dávamos. E dizíamos: "Vocês têm uma biritinha aí?" Porque mesmo com a roupa de mergulho de neoprene, ficávamos molhados de manhã à noite.

E assim fomos trabalhando, ajudando, dando a nossa colaboração. Nessa foto aparece o André Mota, filho do médico Murilo Mota, que teve um papel fundamental no processo. Quero dizer que nós aprendemos muito, principalmente em termos de

ajudar os irmãos de Santa Catarina. Acho que aprendemos muito com aquele episódio. A Defesa Civil foi criada em Blumenau depois daquela enchente. Todos começaram a respeitar mais a natureza, a legislação ambiental começou a mudar e a ocupação do solo nas cidades passou a ter outra conotação. De lá para cá muitas coisas mudaram e a Oktoberfest acabou tornando-se a segunda maior festa de Santa Catarina, só perde para o Carnaval.

Eu tive a oportunidade de escrever um texto no livro do Moacir e disse que ele é onipresente, porque é difícil um evento importante na área social, cultural e política em que ele não esteja presente. Eu não sei como ele consegue estar em todos os compromissos. Acho que ele tira fotocópias da sua pessoa e as distribui, porque não é possível, ele está em todos os lugares. Penso, inclusive, que o tempo que ele tem é diferente do meu ou ele o gerencia muito bem. Por quê? Porque ele escreveu a biografia de quase todos os ex-governadores de Santa Catarina, sobre o famoso e querido jornalista Adolfo Ziguelli, sobre Vitor Fontana, sobre Santa Catarina de Alexandria e muitos outros. E ainda tem tempo para ficar ao lado da Di, que é a sua companheira. Então, é um homem de família e tem tempo para isso tudo.

Por isso, quero cumprimentá-lo uma vez que resgata, no livro que hoje lança, momentos trágicos, mas também momentos de esperança para toda a gente catarinense.

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Joares Ponticelli)
- Esta Presidência registra ainda a presença das seguintes personalidades:

Deputado Jean Kuhlmann, digno representante de Blumenau e região;

Márcio Búrigo, prefeito de Criciúma;

Vereador Tiago Silva, vice-presidente da Câmara Municipal de Florianópolis;

Vereador Guilherme Pereira, de Florianópolis;

Jornalista Roberto Salum, representando o Grupo RIC/Record e suplente de deputado federal.

Convido para fazer uso da palavra, neste momento, o sr. Dalto dos Reis, prefeito de Blumenau no período da enchente.

O SR. DALTO DOS REIS - Sr. presidente, deputado Joares Ponticelli, em seu nome cumprimento os demais integrantes da mesa, os deputados estaduais, as senhoras e senhores que nos dão a honra da sua presença nesta noite.

Presidente, o desejo de agradecer-lhe é maior do que a honra e o significado do momento presente. E digo isso porque numa época em que todos nós calçamos a bota de sete léguas, quando não foi bem ontem e já estamos no amanhã, porque o hoje se dilui na rapidez dos acontecimentos de forma tão intensa, que muitas vezes sequer vemos quando passamos por ele ou até quando ele passa por nós. Talvez seja esse o motivo que, somente hoje, ou até dias atrás, demo-nos conta de que três décadas se passaram desde a enchente de 1983.

Eu inicio agradecendo porque pensava, minutos atrás, que o espantoso desenvolvimento da técnica das comunicações e dos transportes tem tornado as distâncias geográficas cada dia menores, enquanto, paradoxalmente, as distâncias afetivas têm-se tornado - perdoem-me a redundância - cada dia menores. Mas nesse arquipélago de contradições, acredito que existam ilhas de bom-senso, deputado Edison Andrino, e estou vivendo uma delas neste momento em que se homenageiam pessoas.

Sr. presidente, sinto-me num plenário cívico, talvez até num átrio de um templo votivo vindo renovar não o sentimento de fé, de esperança, de crença de alguma coisa. Vim aqui agradecer tanta coisa e fazer como fez o deputado Edison Andrino, falar alguma coisa sobre aquele evento de 1983.

E o primeiro fato que mencionaria talvez seja a surpresa. Nós tínhamos assumido a prefeitura de Blumenau em fevereiro e após quatro meses fomos assaltados com o advento da quarta maior enchente que vivenciamos na cidade. A maior foi em 1852, dois anos depois que o dr. Blumenau fundou a cidade. Em 1911 tivemos um evento um pouco menor

do que em 1852, e o prefeito Napoleão Bernardes conhece bem a história de Blumenau, a exemplo dos deputados Jean Kuhlmann e Ismael dos Santos. A terceira foi a de 1984, a sucedânea, com 0,10m a mais, e a quarta foi a de 1983, sobre a qual estamos referindo agora. Em Rio do Sul foi um pouco diferente. A de 1983 foi maior que a de 1984.

Mas falo do fator surpresa porque tomamos conhecimento do transbordamento do rio Itajaí-Açu exatamente quatro horas antes que isso viesse a acontecer. Havia um senhor que trabalhava na Celesc que fazia a previsão do tempo para a prefeitura com 12 horas de antecedência. Ele tomava conhecimento da precipitação pluviométrica que estava ocorrendo no alto vale, na região de Rio do Sul, colocava aquilo numa maquininha de calcular - coisa simples, dessas que as crianças levam para sala de aula no primário - e dava-nos com uma precisão incrível aquilo que aconteceria 12 horas após seu cálculo. Se ele dissesse que o nível do rio Itajaí-Açu atingiria 12,80m, não seriam 12,81m nem 12,79m, seriam 12,80m.

Pois bem, quando acordamos cedo naquele dia e dirigimo-nos à prefeitura, fomos informados que o nível do referido rio atingiria um ponto "x", transbordaria e atingiria níveis considerados, pela Defesa Civil de Blumenau, de porte médio. Em Blumenau temos a seguinte cotação: as ruas de porte baixo, são atingidas já com 8,50m, e aquelas de nível médio, são atingidas com 10m.

Como dizia, às 8h, quando tomamos conhecimento que às 12h teríamos o nível médio, foi para nós uma grande surpresa.

Outra grande surpresa: nenhuma outra enchente, depois que o dr. Blumenau fundou a cidade, nem as de 1852 e de 1911, teve a duração de 32 dias com a cidade submersa, sem energia elétrica, ausência de comunicação - sem rádio nem TV - e de locomoção. Ninguém sabia se em algum ponto da cidade um parente estava em dificuldade.

E aqui quero registrar um agradecimento ao deputado Edison Andrino, que foi de grande ajuda quando chegou a Blumenau com um número

considerável de meios de locomoção. Conseguimos multiplicar por dois o que já tínhamos. Porque ninguém se aventurava nas ruas Sete de Setembro e XV de Novembro, nas avenidas Castelo Branco e Beira-Rio ou em quaisquer ruas dos bairros da Velha e do Garcia. Jamais alguém, sem uma lancha de porte, com motor de porte grande, aventurar-se-ia a navegar em função da velocidade das águas, porque estaria arriscando a própria vida.

Esses meios de locomoção eram insuficientes para pegar pessoas e levá-las até um hospital, eram insuficientes para qualquer outro salvamento de cidadãos que, às vezes, se abrigavam nos tetos das casas, como fez um ex-prefeito de Blumenau, que foi salvo por um operário seu.

Mas sei que alguém gostaria de me perguntar, presidente, o que foi mais dramático naqueles 32 dias. Respondo que foi a falta de alimentos. Convivi exatos 26 dias dentro do prédio da prefeitura. Eu morava a menos de mil metros do prédio da prefeitura, na mesma rua. E foram 26 dias em que a falta de alimentos foi a coisa mais terrível que vivi nos meus 67 anos de vida. Era desesperador passar um, dois, três, quatro dias sem ver um alimento sequer. Nós éramos 600 pessoas. O deputado Edison Andrino constatou isso. Nós éramos 600 pessoas no prédio da prefeitura: 300 estavam lá a trabalho - policiais militares, bombeiros etc. - e 300 que estavam lá porque haviam perdido seu teto, haviam perdido tudo.

E era tão terrível a fome que hoje, presidente, eu divido a minha comida porque aprendi muito. Vou dar apenas um testemunho acerca de um funcionário da Assembleia Legislativa de Santa Catarina - e o jornalista Moacir Pereira o conhece muito bem. Trabalhei com ele quando fiz a Faculdade de Direito em Florianópolis: Valter Souza. Terminada a enchente, o Valter trabalhava na TV e queria fazer uma entrevista comigo, mas que no fundo apaercesse uma fila de pessoas que estavam indo ao prédio da prefeitura de Blumenau principalmente buscar não alimentação, porque essa era escassa, mas leite para as crianças. Nós havíamos conseguido, através do governador

Esperidião Amin, uma grande carga de leite. E todos iam à prefeitura buscar essa mercadoria. O Valter, bem na frente da prefeitura, pediu-me que fizéssemos a entrevista com a fila no fundo. E quando iniciávamos a entrevista, uma menina de aproximadamente dez anos veio correndo, agarrou-se em minha cintura e pediu, nestes termos: "Pelo amor de Deus, me dê um pão, não consigo mais aguentar a fome!" Eu chamei um motorista da prefeitura, o sr. Zildo Cunha, e pedi-lhe que fosse na cozinha da prefeitura e trouxesse um cachorro-quente que haviam preparado para mim. Eu entreguei o pão e o Valter começou a entrevista comigo. A menina pegou o pão e correu contra uma vidraça na parede da prefeitura e começou a comê-lo. O Valter baixou o microfone e começou a chorar. Eu perguntei-lhe do que se tratava e ele me disse assim: "Essa foi a cena mais triste que eu vi nessa enchente!" Fomos até a criança que comia o pão e a impressão que me deu é que ela havia se transformado num verdadeiro animal. A fome transforma as pessoas.

Depois de refeitos continuamos a entrevista, mas eu guardei essa lembrança porque refletindo sobre todas as angústias que havia passado e sobre todas as tristezas que havia visto cheguei à conclusão de que o mais angustiante, durante os 32 dias de enchente que vivenciamos em 1983, foi exatamente a fome que a população enfrentou, não apenas dentro da prefeitura, mas em toda a cidade.

Naquela ocasião, através do governador Esperidião Amin, tivemos um pequeno acesso junto ao governo federal. Fui aconselhado por todos os blumenauenses, logo após as enchentes, a ter uma conversa com o presidente da República, porque a cidade de Blumenau sempre arrecadou de forma muito generosa para os cofres da união. A audiência foi marcada para um determinado dia às 9h. Deixei todo o trabalho que estava desenvolvendo e fui à Brasília. Às 8h30 já estava na antessala do presidente João Baptista Figueiredo, que mandou dizer-me, por um cidadão que servia cafezinho em seu gabinete, que ele não iria ajudar a cidade de Blumenau porque éramos adversários políticos. Eu

havia sido eleito pelo PMDB e o presidente era do PDS.

A ausência do governo federal foi algo marcante na enchente de 1983, mas estabelecemos uma parceria com o governo do estado, que era governado por Esperidião Amin. E quero dizer uma coisa para todos os senhores: Blumenau tem na figura do governador Esperidião Amin um grande amigo, assim como na da ex-deputada Angela Amin, sua esposa.

(Palmas)

Nós conseguimos dar uma demonstração de grandeza, perdoem-me estar falando de mim, mas apequenamos o sentimento político-partidário.

Lembro-me de uma frase que o governador me disse no gabinete, quando instalou o seu governo em Blumenau. O governo do estado tinha um prédio na cidade onde estava instalada a sua representação, mas eu pedi-lhe que instalasse o governo na prefeitura de Blumenau, porque havia um salão nobre, uma sala de reuniões e ficaria tudo mais fácil. E assim foi feito.

Havia menos de um ano, em 1982, Esperidião havia perdido a eleição em Blumenau para Jaison Barreto. O PMDB tinha a tradição de ter sempre a maioria naquela cidade. Mas mesmo tendo perdido a eleição em Blumenau, Esperidião foi irmão, esteve conosco desde o primeiro minuto! E quero citar as obras de reconstrução da cidade de Blumenau que foram feitas por determinação do então governador Esperidião Amin: o enrocamento de todo o sistema viário; o recapeamento asfáltico da rua Amazonas, talvez cinco ou seis quilômetros, da rua Hermann Hering, que dá acesso à Companhia Hering; o envio de alimentos, enfim, foram muitas as obras que fizemos juntos depois da enchente de 1983. Gostaríamos de dar esse testemunho e deixar aqui o nosso agradecimento.

Para completar, diante da insensibilidade do governo federal, tivemos a sensibilidade de outros países, de cidadãos, de irmãos de outros estados. Tive a sorte de ir à Alemanha e através das entidades ligadas às Igrejas Católica e Luterana conseguir recursos suficientes para reconstruir em

torno de mil residências na cidade de Blumenau, no prazo de um ano. Fizemos uma divisão de atividades: reconstrução dos postos de saúde; reconstrução do Hospital Santo Antônio, que fora por água abaixo em função do alargamento da calha do rio Itajaí-Açu; reconstrução das escolas e das creches municipais; reconstrução de 52 praças e jardins, enfim, de tudo que fora destruído.

Com o projeto Nova Blumenau, a comunidade blumenauense assumiu a tarefa e a prefeitura deu o apoio logístico. Dessa forma conseguimos reconstruir a cidade exatamente em um ano, que era nossa previsão inicial. Quando nos preparávamos para entregar a praça Juscelino Kubitschek de Oliveira, que era o marco da reconstrução, quando completávamos um ano da enchente de 1983, teve início a enchente de 1984, que alcançou 0,10m a mais que a de 1983.

Senhores, não tenho mérito algum na reconstrução de Blumenau, mas o povo de Blumenau deu uma aula de cidadania, pois ensinou que além da casa, a calçada e a rua são uma extensão da sua residência e irmanou-se de tantas formas na reconstrução de Blumenau que foi muito fácil, algo pequeno, reconstruir uma cidade totalmente destruída.

Neste momento, agradeço ao deputado Edison Andrino, que lá esteve, talvez muitas vezes até correndo risco de vida, salvando pessoas; agradeço também ao ex-governador Esperidião Amin, que foi companheiro e irmão de todas as horas e das dificuldades maiores que enfrentamos; agradeço aos radioamadores - e aqui está a dona Alda Niemeyer, carinhosamente conhecida em Blumenau como vovó Alda -, que fizeram um trabalho grandioso e meritório na salvaguarda, não apenas de bens materiais, mas principalmente na tentativa de salvar vidas que a enchente colocava em risco a cada momento.

Senhoras e senhores, volto a agradecer a homenagem que deveria ser menos a mim, mais à fidalguia que sempre os caracterizou e distinguiu. Agradeço a todos os deputados e a esta Casa, sr. presidente, e leve isso em nome de todos, pois

estou muito emocionado e gratificado. Estou muito feliz e emocionado por ser sido lembrado depois de 30 anos, juntamente com os demais que merecem tanto ou mais que eu.

Muito obrigado, de coração! Talvez não saiba agradecer com palavras, mas no meu íntimo é muito grande esse reconhecimento.

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Joares Ponticelli) - Esta Presidência registra e agradece a ilustre presença do vice-presidente do Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina, desembargador Luiz César Medeiros.

Convido o jornalista Valter Souza para proceder à nominata dos homenageados desta noite.

O SR. MESTRE-DE-CERIMÔNIAS (Valter Souza) - Senhoras e senhores, muito boa-noite!

Fugindo do protocolo, quero agradecer as palavras do ex-prefeito Dalto dos Reis e dizer que tenho certeza de que o ex-governador Esperidião Amin vai citar alguma coisa que eu vou falar agora. E tomo essa liberdade, governador.

Refiro-me àquela senhora que queria pagar a prestação e disse-me: "Moço, a prestação vence hoje, dia 9 de julho de 1983". Eu, com lama no joelho, expliquei: "Minha senhora, nada está funcionando em Blumenau". "Mas eu sou de Blumenau e a prestação vence hoje e eu tenho que pagá-la".

(Palmas)

Não preciso dizer que choramos na hora!

A Assembleia Legislativa de Santa Catarina realiza hoje sessão especial em homenagem aos que contribuíram para amenizar o sofrimento dos catarinenses atingidos pela enchente de 1983 em Blumenau e para o lançamento do livro *Amin: 30 anos depois*, de autoria do jornalista Moacir Pereira.

Neste momento, o Poder Legislativo catarinense presta uma homenagem às pessoas e aos segmentos da sociedade que contribuíram para amenizar as dificuldades e o sofrimento dos catarinenses atingidos pela enchente de julho 1983, em Blumenau.

Convido o deputado Joares Ponticelli, presidente deste Poder, para fazer a entrega da homenagem ao deputado federal Esperidião Amin, governador no período da enchente de Blumenau em 1983.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Neste momento o deputado Joares Ponticelli fará a entrega da homenagem ao sr. Antônio Carlos Konder Reis, secretário de estado da Reconstrução de Santa Catarina no ano de 1983, representado neste ato pelo professor Mário César Moraes.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido os srs. deputados Jean Kuhlmann e Ismael dos Santos para fazerem a entrega da homenagem ao sr. Dalto dos Reis, prefeito do município de Blumenau no ano de 1983.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Os deputados Ismael dos Santos e Jean Kuhlmann farão agora a entrega da homenagem à Liga Brasileira de Amadores de Rádioemissão de Santa Catarina, Labre/SC.

Convido para receber a homenagem o sargento Glenn Prusseck Martinho, presidente, o sr. Evilásio Ramos Schmitz, presidente de 1983, e a sra. Alda Niermeyer, pelo seu papel fundamental no radioamador em auxílio as vítimas da enchente e neste ato a todos representando.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido o deputado Silvio Dreveck para fazer a entrega da homenagem ao deputado estadual Edison Andrino.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

O deputado Silvio Dreveck entregará, neste momento, a homenagem a Carmem Werner, neste ato representando seu marido, Bernardo Wolfgang Werner, *in memoriam*, presidente da Federação das Indústrias de Santa Catarina de 1971 a 1986.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convidamos o deputado Valmir Comin para fazer a entrega da homenagem ao jornalista Moacir Pereira, âncora da Cadeia da Solidariedade da RBS em 1983.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Recebe a homenagem agora, das mãos do deputado Valmir Comin, o jornalista Luiz Antônio Soares.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Chamo o deputado Reno Caramori para fazer a entrega da homenagem ao jornalista José Carlos Soares, Zico, assessor de imprensa do governador do estado em 1983.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

A entrega agora é ao coronel Marcos de Oliveira, comandante-geral, neste ato representando o Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido o deputado Edison Andrino para fazer a entrega da homenagem ao coronel Nazareno Marcineiro, comandante-geral, neste ato representando a Polícia Militar de Santa Catarina.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

O deputado Edison Andrino entrega a homenagem ao coronel de Infantaria Pedro Osvaldo Andrade Carolo, chefe do Estado Maior, neste ato representando a 14^a Brigada de Infantaria Motorizada.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido o deputado José Milton Scheffer para fazer a entrega da homenagem ao coronel-aviador Claus Kilian Hardt, comandante, neste ato representando a Base Aérea de Florianópolis.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Recebe a homenagem agora, das mãos do deputado José Milton Scheffer, o sr. Mário Neves, diretor

da RBS TV em Santa Catarina, neste ato representando-a.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Neste momento teremos o lançamento do livro *Amin: 30 anos depois*, de autoria do jornalista Moacir Pereira.

O SR. JORNALISTA MOACIR PEREIRA - Sr. presidente da Assembleia Legislativa, deputado Joares Ponticelli, a quem cumprimento em nome de todas as autoridades dignas que compõem a mesa, autoridades civis, militares, eclesiásticas, parlamentares, magistrados, companheiros de imprensa, servidores desta Casa, telespectadores, todos os amigos que aqui comparecem, amigos do ex-governador Esperidião Amin e dos homenageados.

Primeiramente, a minha gratidão pela presença. Os oradores que me antecederam já o fizeram, mas eu gostaria de enfatizar, porque o povo que não resguarda e não preserva a sua memória, é um povo que não sabe definir o seu futuro.

Nós precisamos aprender com as tragédias para impedir que elas se repitam em Santa Catarina e no Brasil. Portanto, cumprimentos e gratidão por esta magnífica sessão, sr. presidente, que tanto nos ensina, com depoimentos tão ricos, deste momento tão triste para Santa Catarina, mas com lições tão caras.

Desejo agradecer, em primeiro lugar, à Mesa da Assembleia, ao presidente Joares Ponticelli, por esta sessão, por permitir o lançamento de uma modesta obra que resgata um período histórico de Santa Catarina.

Quero agradecer à Editora Insular, na pessoa do seu diretor, companheiro Nelson Rolin de Moura.

(Passa a ler.)

"Senhoras e senhores.

Dia 7 de julho de 1983. TV Catarinense, Florianópolis, Morro da Cruz, primeira e principal emissora da RBS em Santa Catarina. Termina mais uma edição do *Jornal do Almoço*, líder em audiência no estado há quatro anos, retransmitido pela TV Coligadas, de Blumenau, e pela TV Santa Catarina, de Joinville.

Chuvas torrenciais assustam o povo do vale, depois de fortes temporais que impermeabilizam totalmente o solo. O nível do rio Itajaí-Açu passa de quatro para mais de 12m em menos de 24 horas. Estácio Ramos, diretor da TV Catarinense, advertido da possibilidade de agravamento da situação, foi a Blumenau conferir e quase não conseguiu sair da cidade já ilhada pelas águas. Na sede da emissora, convoca o saudoso Délcio Fiorin e anuncia que irá retirar a programação da Rede Globo do ar e iniciar uma cobertura especial sobre as enchentes em Blumenau. Délcio idealizou a chamada e editou o áudio, convocou-me para atuar como âncora e todos os apresentadores, repórteres, cinegrafistas, redatores e colaboradores para plantão permanente com o objetivo de acompanhar o que estava acontecendo em Blumenau, no vale do Itajaí, em Santa Catarina.

O cenário do *Jornal do Almoço*, sempre muito rígido e nos padrões da Rede Globo, foi transformado numa agitada redação: telefones ligados ao vivo, apelos, informações, donativos, orientações, pedidos de salvamento, emergências, autoridades, cidadãos comuns, radioamadores do estado inteiro em ligação constante com a RBS de Florianópolis.

Estácio Ramos ligou, então, para Porto Alegre, comunicou a Nelson Sirotski, diretor que implantou a TV Catarinense em 1979, inteirando-o da ousada e inédita decisão. Ele embarcou, bem cedo no dia seguinte, no primeiro avião e pela manhã circulava pelas ruas centrais de Florianópolis. Impressionou-se com o público que se acotovelava, na frente das TVs das lojas, ligado na cobertura da RBS. Surpreendeu-se com o esquema de emergência instalado no Palácio do Governo, ficou mais impactado com a operação de guerra montada no Terminal Rita Maria para auxílio às vítimas. Dirigiu-se ao Morro da Cruz e comunicou a José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, poderoso diretor da Globo, a histórica cobertura e a ousada decisão.

O que aconteceu nos cinco dias seguintes nunca mais se repetiu na mídia eletrônica de Santa

Catarina: fato jornalístico de prestação de serviços comunitários efetivo, relevante interesse público, jornalismo puro sem precedentes no Brasil. Foi a maior mobilização do estado em torno de uma grande causa comunitária. Primeiramente, a luta desesperada da informação para salvar vidas humanas, mais uma vez com o apoio decisivo dos radioamadores de Santa Catarina; depois, para alimentar milhares de pessoas ilhadas e sem qualquer comunicação; mais tarde, a assistência médica para evitar mais sofrimento, a distribuição de remédios e finalmente o esforço da reconstrução.

Ficaram muitas lições. A urgência de obras inadiáveis de prevenção, o controle das construções ribeirinhas e a melhoria da Defesa Civil. Permaneceram para sempre gestos de puro civismo, a disposição dos voluntários, o trabalho incansável dos militares e, sobretudo, meus amigos e irmãos de Santa Catarina, o melhor exemplo de solidariedade que Blumenau e o vale já receberam dos catarinenses e dos brasileiros.

A história dessa catástrofe está para ser contada. Especialmente dos heróis anônimos que integraram a maior cruzada de desinteressado amor ao próximo já registrada na história catarinense. Depois que foi anunciado, inclusive, o lançamento deste livro, tenho sido procurado e recebido mensagens de pessoas que jamais imaginava e que, anonimamente, faziam os sanduíches, preparavam alimentos, confeccionavam sacos com água, num esforço único colaboravam com a população do vale do Itajaí.

Testemunhando tudo na *Cadeia da Solidariedade*, 16 horas por dia sem interrupção, com dedicados e excepcionais companheiros, daqui e de todo o estado, acompanhei a ação do governador Esperidião Amin, sua meteórica projeção nacional. Foi instantaneamente catapultado para uma grande popularidade nacional. Participei de entrevistas, de reportagens e comentários com destacados nomes da imprensa catarinense e brasileira, principalmente Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, sobre as enchentes e, após um novo

capítulo, sobre a volta das eleições diretas para presidente da República.

Dessa experiência única resultou, na época, a organização de um livro sobre o trágico episódio, a ação do governante e as bandeiras democráticas que Amin desfraldou em todo o Brasil, enfrentando o sistema e os poderosos de Brasília.

O livro, repito, elaborado há 30 anos, tem prefácio escrito na época pelo jornalista Villas Boas Correa, do Rio de Janeiro, então considerado um dos príncipes da crônica política brasileira.

A Codecri, conhecida editora do badalado semanário *O Pasquim*, que fez duas entrevistas inéditas com o ex-governador, prontificou-se em fazer a edição do livro. Jaguar e Ziraldo, dois dos seus mais brilhantes cartunistas e diretores, chegaram a fazer um pré-agendamento do lançamento. Fatos inesperados impediram: a editora Codecri quebrou, faliu, e o livro foi para o arquivo.

Eu gosto muito de guardar material, sob os protestos frequentes da minha esposa, e às vezes faço uma revisão no material. Isso está contado no livro também numa nota explicativa. No final do ano passado, no segundo semestre, revendo esse material para limpar um pouco as gavetas a conselho de minha esposa, eis que encontro num envelope pardo o livro do Amin. Não tinha mais a menor ideia dessa obra. Como se tratava de um ano eleitoral, deixei de lado. Iniciado o ano de 2013, submeti-o ao meu editor, querido amigo, batalhador Nelson Rolin de Moura. Ele fez uma leitura dinâmica e instantaneamente lançou-me um poderoso oxigênio: esse livro tem que sair este ano porque em 2013 registramos 30 anos da tragédia da cidade de Blumenau. Deu um apoio entusiástico na hora.

Esperidião Amin, neste livro, é uma espécie de fio condutor das entrevistas, dos comentários, das reportagens, das análises de tudo aquilo que aconteceu em Santa Catarina nos anos de 1983 e 1984.

O livro tem 23 autores, justamente os jornalistas que assinaram os textos e deram entrevistas. Retrata um período muito difícil vivido pelos catarinenses e pretende ser, como foi

a reconstrução, mais um sinal, mais uma inspiração da reconstrução do estado naquilo que ele tem de maior carência em relação às comunidades mais desassistidas do nosso estado.

O resto da história, meus senhores e minhas senhoras, deputado Joares Ponticelli, deputado Esperidião Amin, prefeito Napoleão Bernardes, é para rir, é para se deleitar ou para se emocionar com relatos dramáticos das enchentes que estão nas 230 páginas.

O que mais me animou na publicação do livro é que ele retrata, sobretudo, o valor, a importância da solidariedade e a capacidade que o ser humano tem de superar a diversidade - e isso foi visível em Blumenau -, mas que representa também o mesmo espírito, a mesma energia de populações de diversos municípios do estado de Santa Catarina. Portanto, identifica-se com o espírito valoroso do povo catarinense.

Agradeço, mais uma vez, à Assembleia Legislativa por esta iniciativa, porque este reconhecimento ficou materializado nestas instituições e pessoas, entre as quais tenho o privilégio de me incluir, mas que representam, sem dúvida nenhuma, dezenas, centenas de instituições e valorosos catarinenses e brasileiros que deram uma contribuição decisiva para o atendimento no primeiro momento e para a reconstrução na fase seguinte.

Concluo, senhoras e senhores, fazendo minhas as palavras do companheiro Ademir Arnon, presidente da Associação Catarinense de Imprensa.

Esta obra e este reconhecimento da Assembleia Legislativa retratam todas as homenagens que merecem ser prestados aos companheiros, jornalistas, radicalistas, técnicos, cinegrafistas. Realmente é um batalhão que trabalhou em Santa Catarina nas emissoras de Blumenau, do vale de Itajaí, de outras regiões do estado, que se dedicou intensamente em Florianópolis apenas por uma única causa, a causa do amor ao próximo, a causa da solidariedade de todos os catarinenses.

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Joares Ponticelli) - Agradecendo as palavras do jornalista Moacir Pereira dirigidas a esta Casa, chamamos neste momento para fazer uso da palavra o deputado federal e governador no ano de enchente de 1983, Esperidião Amin.

O SR. DEPUTADO FEDERAL ESPERIDIÃO AMIN - Sr. presidente, prezado amigo deputado Joares Ponticelli, e saudando-o gostaria de estender essa saudação a toda a Assembleia Legislativa na pessoa dos deputados aqui presentes, pela iniciativa de relembrar um dos momentos mais elevados da história de Santa Catarina, apesar da dor e da tragédia que são provas e provações a que nós temos que nos submeter para mostrar o nosso valor.

Quero cumprimentar o secretário que representa aqui o governador João Raimundo Colombo, que por sinal era secretário de Desenvolvimento Social na época e que com muita competência, tanto na coordenação da grande ação de assistência social, quanto numa ação muito exitosa em que foram reconstruídas mais de dez mil moradias, das 100 mil atingidas, devolveu à população catarinense o seu lar em menos de um ano.

Quero cumprimentar o vice-prefeito de Florianópolis, que na época tinha três anos, e o prefeito de Blumenau, que era recém-nascido, pois vai fazer 31 anos em setembro.

Quero saudar muito carinhosamente o meu amigo, ex-prefeito Dalto dos Reis, grande protagonista da recuperação da cidade de Blumenau.

Por isso, a importância, deputada Carmem Zanotto, a quem quero muito carinhosamente saudar, a importância de rememorar. Como disse o jornalista Moacir Pereira, um povo que não tem memória, não conhece os seus defeitos e, o que é pior, deixa de considerar até o seu valor. E neste caso não podemos desprezar o valor que o povo catarinense demonstrou numa prova não de fogo, mas numa prova de muita água.

Eu separei seis pontos para resumir aqui minhas observações. E aí estendo a minha saudação a todos, pedindo desculpas por não pode mencionar individualmente cada um dos aqui presentes.

Em primeiro lugar, gostaria de dizer agora, e repetir ao final, que não estamos aqui para homenagear apenas pessoas, e já bastaria, mas para homenagear valores. E quais seriam? Em síntese eles são solidariedade, esperança e determinação. Se tivesse que separar três palavras chaves para resumir a enchente e a pós-enchente, escolheria essas três.

Se tiver que usar expressões negativas - não que não tenha ocorrido nada de errado no comportamento das pessoas, pois somos humanos, temos que pensar na pós-enchente, na volta ao trabalho, na reabertura da porta da fábrica, do negócio, no ajuste com o credor, com o fornecedor ou com o comprador -, não encontraria nenhuma mancha significativa digna de registro que esse empreendimento midiático ensejaria a toldar a imagem do povo catarinense. Não há nenhuma notícia, nem formal, nem informal, de saques, de roubos, de violências praticadas entre as pessoas que constituem a nossa gente.

Falhas certamente ocorreram, pois, como disse o prefeito Dalto dos Reis, a fome nos leva a reações primitivas, mas a marca do catarinense eu gostaria de sintetizar numa ação que justifica, por exemplo, a presença da Carmen Werner aqui.

Sob a liderança do Sistema Fiesc foi firmado um pacto de não demissão de empregados do comércio, da indústria e também da agricultura em Santa Catarina, como demonstração preliminar e última: nós estamos no buraco, mas ou ficamos aqui ou saímos juntos.

Fez muito bem a Assembleia Legislativa, através do professor Mário Cesar, homenagear o colegiado do governo da época, na pessoa do dr. Antônio Carlos Konder Reis, cujo sentimento e espírito de exação no cumprimento do dever foi, sem dúvida nenhuma, emblemático, para demonstrar o que o governo queria: transparência, critério e, tanto quanto possível, justiça.

Quero abordar um segundo tópico. Imaginem o que passava pela cabeça de cada um de nós quando terminava o dia e vinha à noite, a escuridão, somente entremeada por lamparinas e lanternas, quando havia pilha! Uma noite no escuro já é angustiante, duas noites é muito angustiante, mas foram 32 dias de inundações repetidos, porque, como mostram os gráficos da enchente, houve cinco picos. E quando a água baixava, não voltava ao normal, ou seja, não voltava sequer à normalidade do nível das águas. Isso foi o que tornou essa a maior das enchentes, não quanto ao pico, mas quanto à duração, que desmonta a resistência das pessoas ou põe à prova sua resistência. Resistir à dor um minuto é difícil, mas resistir à dor 32 dias é imensamente mais difícil.

Imaginem, repito, o que passava na cabeça de cada um de nós. O governador tinha 35 anos de idade, eleito que fora aos 34 anos. A mulher do governador tinha 29 anos e estava grávida, de perna quebrada, mas não ficou em casa, até porque ficar em casa era uma coisa desconfortável, porque como você vai dormir em paz, como você vai adormecer a consciência sem saber o que está acontecendo lá fora. Pior do que saber é não saber. É viver aquilo que eu chamo: sofrimento, angústia e aflição que não terminam. E é preciso manter a serenidade, porque se o chefe perder a serenidade - e aqui temos oficiais militares -, aí não há esperança de coordenação ou de diretriz. Foi uma provação para todos nós, em todos os níveis, por todo o estado e por toda a nossa geografia.

Os exemplos que poderia citar, centenas de exemplos, abusariam da paciência, da hora e da presença de vocês, mas não posso deixar de dizer que dos seis que havia selecionado, o Valter se antecipou e pagou a conta antes.

Não posso deixar de registrar que se a minha mulher, que estava grávida da Maria, com sete meses e meio, de perna quebrada, ia a Blumenau, como eu não iria?!

O pacto de não demissão. Eu gostaria de repetir, neste momento, que o Brasil tem grandes

dificuldades para enfrentar, inclusive na economia. Muito mais do que decretar a estabilidade, combinar que não recuaremos é uma decisão histórica.

A atitude do povo sobrepunha todas as expectativas de atitude das lideranças políticas, empresariais e até mesmo religiosas. E foi dali que brotou a ideia do Conselho Extraordinário da Reconstrução, que contou com todas as religiões, com as forças armadas, com a polícia, com os bombeiros, com os partidos políticos.

Não posso deixar de registrar a presença de Pedro Ivo Campos, então presidente do PMDB, no Conselho da Reconstrução. E com estas palavras eu quero resumir a clareza dos objetivos que tínhamos.

Hoje à tarde, meu ex-adversário de 1982, meu amigo Jaison Barreto, telefonou-me e disse: "Olha! eu não vou, mas quero saber o que andastes dizendo nesse livro". "Jaison", respondi, "podemos até combinar, porque eu não li ainda. Eu peço direito de resposta contigo, se couber."

Mas eu gostaria de colocar, aqui, antes de concluir, uma observação que é uma advertência, até aproveitando a presença de todos nós que temos a responsabilidade, mas, especialmente, do representante do governador do estado. Nós temos muitas providências estruturais por tomar, afinal, o convênio com a Jica foi firmado logo depois da enchente de 1984. Mas não estruturais, ou seja, na proibição de construção em áreas de risco não evoluímos tanto quanto devíamos. Ainda somos complacentes, nós, sociedade, com a ocupação de áreas de risco. E não apenas em Santa Catarina, mas no Brasil.

Explicação! Basta falar no fenômeno da urbanização. Nós, hoje, somos 86% de população urbana no Brasil. Há 70 anos éramos 30%. E a população subiu de 35 milhões de habitantes para 200 milhões, portanto somos, hoje, 170 milhões de moradores urbanos e nem todos se acomodam onde gostariam de se acomodar. O esforço que temos que desenvolver em relação à questão das obras, das medidas estruturais para evitar catástrofes

urbanas ainda é insuficiente. E o esforço para impedir as ocupações em áreas sabidamente de risco ainda não conta com a compreensão de todos nós e a atuação correspondente.

Finalmente, quero dizer que neste grande esforço para salvar o modelo de Santa Catarina, os anônimos que foram aqui referidos podem ser resumidos na voz do radioamador. Como foi registrado, hoje temos o Facebook, a internet, o Twitter, mas na época o que tínhamos de disponível era a telefonia fixa, o rádio e a TV. Esses eram os meios de comunicação de então. Hoje é difícil para o jovem entender como era feita a comunicação sem tudo que há hoje. O celular não existia mesmo e não sei se funcionaria, provavelmente sim, porque a torre fica em cima do morro.

A verdade é que se nós considerarmos a duração da enchente, os riscos que tivemos, como de leptospirose, de doenças infectocontagiosas - que não aconteceram e para fazer a contraprova o exame tinha que ser mandado para o Rio de Janeiro, para São Paulo e até para Belém do Pará. E a deputada Carmem Zanotto diz que ainda hoje temos dependência em alguns casos - as coisas não foram muito piores porque contamos com a organização do catarinense para nos livrarmos de dramas pós-enchente. Aquele gado que o deputado Andrino viu, foi enterrado com cuidados comandados pelas autoridades veterinárias do estado e essa foi a razão de não termos tido doenças decorrentes da inundação. Na verdade, foi feito um trabalho pela sociedade catarinense muito acima daquilo para o qual o governo estava qualificado. Essa é a grande verdade. As nossas experiências de vida, dos cidadãos, das empresas, dos trabalhadores, o desejo de reagir, no bom sentido da palavra, e vencer, esse foi o desejo que venceu.

E quero, definitivamente concluindo, agradecer muito as palavras do Moacir. Tenho habitualmente boas divergências com ele, foi a sua decisão imperativa, imperial, que trouxe esse livro a lume. E isso me lembra dum jornal de Blumenau que, se não me engano, era tocado pelo dr. Tomelin, que hoje é nome de viaduto, viaduto Jornalista

Honorato Tomelin, elevado que nos faz alcançar a BR-470. E o meu espírito democrático se surpreenderá ao lê-lo, pois não li ainda e ninguém acredita nisso, mas é verdade.

Eu sei que o Moacir deve ter tratado as questões políticas com exatidão; as esportivas, com um pouco de maldade e tenho certeza de que soube valorizar o povo catarinense, aqueles que nos ajudaram. E ao ver aqui os representantes das forças armadas, assim como da polícia e os bombeiros, quero agradecer a todos. Também quero fazer um pequeno reparo para o deputado Andrino, pois a Marinha também esteve presente.

Quando caiu o helicóptero que atendia ao governador e que fora cedido pelo empresário Santos Guglielmi, foi o helicóptero da Marinha que passou a desempenhar o mesmo papel. Não chegou a Gaspar tão rápido quanto o deputado Andrino, porque, afinal de contas, o piloto não tinha sogra lá. Nem todos tinham esse privilégio.

Eu poderia mencionar centenas de episódios, mas só quero dizer o seguinte: quem nos ajudou eu sei que não teve motivos para se arrepender. Por quê? Porque ajudou uma boa causa, de um bom povo que continuou dar bons exemplos ao Brasil, praticando aquilo que o nosso hino registra e ensina: aqui não há algemas fazendo ninguém escravo, aqui há cidadãos. E os cidadãos de Santa Catarina têm um belo recado de 1983 para trazer aos cidadãos de Santa Catarina e do Brasil, 30 anos depois.

Parabéns a nós, catarinenses, e muito obrigado a todos!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Joares Ponticelli)
- Esta Presidência quer agradecer imensamente aos jornalistas Moacir Pereira e Ademir Arnon pela oportunidade, pela provocação que nos foi feita logo que assumimos a Presidência desta Casa motivando-nos a viabilizar junto aos demais colegas parlamentares a realização desta sessão.

Eu gostei muito da proposta até porque tive, na condição de filho do alto vale do Itajaí, filho

do município de Pouso Redondo e na época morando e trabalhando em Rio do Sul, prefeito Milton, como empacotador de caixa do *Mercado Nardelião*, que ficou praticamente submerso durante toda a enchente, a oportunidade de participar como voluntário e ver e vivenciar a dificuldade do povo daquela região.

Por isso eu disse ao Moacir e ao Arnon que não poderia, diante da oportunidade de, 30 anos depois, chegar à Presidência desta Casa, deixar passar em branco e não fazer uma celebração necessária para agradecer, acima de tudo, à dona Alba.

Eu me emocionei muito quando assisti sua entrevista no *Estúdio Santa Catarina*, da RBS TV, na noite de ontem. Emocionei-me porque vivi parte daquele drama no alto vale do Itajaí.

Então, esta sessão especial destina-se a agradecer, reconhecer, valorizar e conscientizar todos nós, detentores de poder e de responsabilidades, da necessidade de investir para preservar a natureza. E, justiça se faça, está sendo feito em grande escala pelo atual governo, talvez até, governador Esperidião Amin, pelo fato de o atual governador, como v.exa. bem lembrou, ter sentido os problemas na pele posto que era secretário do Desenvolvimento Social naquela oportunidade. Talvez por isso essa prioridade destacada também no governo Raimundo Colombo, que dos grandes investimentos a serem feitos boa parte se destina à prevenção de catástrofes.

E é preciso que se faça em ritmo acelerado, pois em menos de nove meses estaremos lembrando os 40 anos de outra grande tragédia, as enchentes de Tubarão, no sul do estado, que tiveram seu ápice no dia 24 de março de 1974. Lá também há ações já encaminhadas no sentido de buscar a redragagem daquele rio, para que tragédias outras sejam evitadas.

Mas esta sessão tem também o propósito de resgatar a maior das lições daqueles momentos de dificuldade, que é a lição da solidariedade do povo catarinense, já demonstrada quase dez anos, antes no sul do estado, pelos demais catarinenses

e brasileiros, quando a cidade de Tubarão se encorajou para a reconstrução a partir da solidariedade dos irmãos catarinenses e brasileiros.

Querido amigo Moacir Pereira, esta sessão se presta também para oportunizar a entrega para Santa Catarina e para os catarinenses de uma obra que conta a história de um jovem governador da época. O Moacir me distinguiu com o esboço do livro e fez-me, numa noite, ligar para o Esperidião, que estava em Brasília. Somente no dia seguinte é que percebi que já passavam das 2h da madrugada quando me delicieei com a leitura da história do episódio futebolístico, em que o dono da bola, ao ser sacado do time, esperou a oportunidade de pegar a bola e deixar todos sem o objeto do jogo.

Em outra oportunidade, quando os jornalistas questionavam das dificuldades que enfrentava o governador Amin no governo, ele disse: "Olha, os deputados andam se queixando de mim, eu preciso conversar mais com eles". Foi outro grande momento. E eu liguei e disse: "Eu, que tive a oportunidade de ser, com muita alegria, líder do teu governo, vejo que essa queixa já é antiga". E até analisava hoje que certamente esse livro vai fazer bem para a presidente da República, porque é queixa recorrente também.

Quero, desta forma, dizer que esta Assembleia Legislativa vive um grande momento em poder homenagear todos que participaram daquele momento ímpar da nossa história, numa das maiores lições de solidariedade para o Brasil e para o mundo que o povo catarinense poderia empreender.

Muito obrigado, em nome deste Poder, a todos os que participaram daquele momento de reconstrução.

A Presidência agradece a presença das autoridades com assento à mesa e a todos que nos honraram com seu comparecimento, convidando-os para o coquetel no *hall* deste Poder e noite de autógrafos do livro: *Amin: 30 anos depois*, de autoria do jornalista Moacir Pereira.

Neste momento teremos a execução do Hino de Santa Catarina.

(Procede-se à execução do hino.)

A Presidência, antes de encerrar a presente sessão, convoca outra, ordinária, para amanhã, à hora regimental, com a seguinte Ordem do Dia: matérias em condições regimentais de serem apreciadas pelo Plenário.

Está encerrada a sessão.